

## O enterro

*Diogo Mendes*

Insondável, a repetição do mesmo horário - não houve cabeçada de madrugada na porta. O carneiro mimado, chamado Xico pouco apareceu. Dando por falta, a família começou procurá-lo em volta do rancho.

Zizinho mais ligado ao bicho já engolindo o choro, gritou:

- Pessoal, achei o Xico!

O pai, mãe e irmão foram até a parte posterior do rancho, onde existia um banco de cimento batido. O animal estava em cima com focinho escorrendo sangue e língua para fora.

Falou o pai de Zizinho:

- Menino, larga o bicho soltando sangue!

- Mas papai é meu amigo.

Zizinho abraçado com seu amigo lembrou-se do encadeamento da amizade: chovia, os animais estavam estabelecidos, menos uma ovelha prenha que berrava. Com 8 anos Zizinho, encontra seu prometido amigo.

Frágil, pequeno e doce.

Tempo passado, suficiente, para o filhote virar centro da atenção. Cresceu transformando em um carneiro ostentoso e mimado. Até o carrancudo do pai de Zizinho tinha certa simpatia. Nos finais de semana a vó Anita, vinha do outro sítio e agradava o neto sem esquecer do amigo. Teve uma ocasião que ela colocou um lacinho azul no carneiro combinando com o colete do neto.

Zizinho comentou:

- Agora Xico, tá aqui morto com sangue...

- Maneco, dá um jeito nos restos desse carneiro tá partindo o coração. Sensível ao sentimento do filho, indicou Madalena.

- Resolvo. Mas que aconteceu?

Gilberto demonstrou falta de comodidade:

- DESEMBUCHAAAHHHH LOGOOOOHHHH?

Ameaçado pelos pais, o garoto pronunciou:

- O carneiro tava já velho tinha uns 4 anos...

Enquanto, Zizinho ainda chorava abraçado ao amigo. Maneco completou:

- Madalena, segura o moleque!  
- NÃOOHH XICOOHH!

Comentários:

- Será certo?  
- Não me importo, se for rápido! Acaba com a dúvida Maneco.  
- Pai, e o luto? Interrogou, o preguiçoso Gil.  
- Mãe, por favor, eu gosto muito do Xico foi meu único amigo... Já enxugando as lágrimas falou Zizinho.

Excedidas lágrimas - próprias da inocência - causaram consternação. O carneiro teria sua despedida caso evitassem tocar no assunto. Gil idealizou:

- Posso usar um sobretudo preto e ser padre, mãe?  
- Acho que não tem problema... Lá perto da represa tem uma árvore grande e terra fofa.

Localidade escolhida às 7h e 48 minutos iniciaram o adeus.

- Papai, o Xico merece um caixão já que não temos... A mãe arranhou um lençol. Será que ele vai ficar bravo? Perguntou Zizinho.  
- Claro que não, moleque. E cambada, vamo logo, que depois temos muita lida. Respondeu Maneco.

Árvore saudando os visitantes ao passo que o pai cavava para enterrar Xico. Zizinho parecia mais tranquilizado, entretanto ainda sentia a perda:

- Eu só tinha ele... Ele só tinha eu.

A mãe confortava:

- Não fica assim... As coisas costumam se perder de nós.

Foi colocado no túmulo improvisado, o carneiro trazido pelo pai. Zizinho pensou: foi demais o jogo de bola, o Xico sabia brincar de

pega-pega igual uma pessoa. Subiu e desceu, desceu e subiu uns tocos de árvores do descampado...

- Corações felizes não aguentam... Afirmou Zizinho, agora Zizo já crescido para o filho Betinho, futuro Beto de 6 anos, tentando compensá-lo pela Morte de Boje, após o cachorro ser atropelado. - Sabe filho? O Xico foi meu único amigo e animal de estimação na infância.

- A saudade passa?

- Não, mas vira uma lembrança boa.

- Já que nosso cachorro morreu o que acha da brincadeira de enterro?

O pai ignorou a questão, como bom interlocutor. Transportes deslizavam nas ruas, avenidas, rodovias, radiais. Vias nascem e morrem - menos nascidas, mais mortas. Animais de estimação eram esquecidos. Partidas resultam dos enterros.